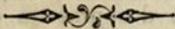


N.º 14) *Publica-se todos os Domingos.* (Março. 8, 1840.

JORNAL DO CONSERVATORIO.

Havendo concluido a serie dos pareceres das comissões do Conservatorio acerca dos dramas que até hoje per elle têm sido julgados, ou que foram retirados per seus auctores, começaremos a transcrever *em da* os pareceres sobre aquelles dramas que ao Conservatorio forem concorrendo, logo que as respectivas comissões os appresentem, o que nos parece de geral utilidade. O drama que ultimamente foi appresentado é aquelle de que publicamos o documento que se segue, e que ainda terá de ser sujeito á discussão do jury litterario.



PARERER

SOBRE O DRAMA OS CONJURADO
OU PATRIOTISMO PORTUGUEZ.

A Comissão, a quem foi remettida a peça dramatica em 5 Actos, intitulada, os Conjurados ou o Patriotismo Portuguez, para dar o seu parecer, sobre, se tem ou não merito sufficiente para ser admittida ás provas publicas; anciosa por descobrir a desejada sufficiencia que o Conservatorio, querendo animar os genios portuguezes, algumas vezes menos severo, porventura tem permittido attribuir ás suas primeiras produções; bem que considerasse n'esta um primeiro ensaio de *genio curioso*; todavia zelando o credito do Conservatorio, e procurando a utilidade e progresso do nosso Theatro; achou do seu devêr, e por singel-

lamente o juizo, que della faz, reduzido aos seguintes termos. Os *Conjurados* não offerecem interesse propriamente dramatico: sua acção é inteiramente destituida de todo o enredo, nada se encontra, que embarce o seu andamento ou faça duvidar do desenlace. O estylo he improprio; a linguagem pouco correcta e frouxa abunda de gallicismos, e impertinencias. — tem facecias insulsas e ridiculas; que não devem entrar n'um assumpto em si mesmo grave, nobre e heroico! a que nada prende a attenção do leitor!... A Peça he uma synopse nua e simples do mais sublime feito; da mais fecunda materia!!!! Tem um Acto de mais, o 5.º — No 4.º Scena 5.ª, ha um grosseiro insulto feito por D. Carlos á Duqueza de Mantua que fere os costumes do tempo e a cortezania e *cavalherismo* da época: — há uma fanfarronada do Arcebispo de Braga, que só provoca o riso. Nestas circumstancias apprehendidas á simples leitura, a Comissão intende que a Peça — os *Conjurados* ou o *Patriotismo Portuguez*, como está, não merece ser admittida as provas publicas: — que seu Author, reconsiderando-a, cheio das idéias de tão sublime empreza, a Restauração de Portugal do jugo estrangeiro, ainda poderá dar á Scena uma digna producção, que o acredite. Lisboa 15 de Janeiro de 1840.

Isac Ferreira Bestana. Antonio Aluizio Servio d'Algoia. José Maria Grande.

A DANÇA MIMICA.

III.

O CONDESTAVEL DE CASTELLA,

(Continuado do N.º precedente)

Quando o nosso bibliothecario chegou cêra dos muros do convento, ficou tomado de ad-

miração ouvindo o insolito ruído que pelos atrios e galerias echoava. Esse clamoroso murmúrio o furtou ás preocupações em que vinha absorvido, as quaes eram certamente de grande interesse, pois que de todo lhe haviam feito esquecer o accollimento pouco satisfatorio que devia esperar do abbade. Até parecia que se não despertaram seus receios com a proximidade do logar terrivel, porque o monge deu d'esperas ao corell salvando a rapido galope as portadas do mosteiro.

Não tardou muito que não tivesse a explicação desse rumor tumultuoso, que tanto desharmonisava com o viver pacifico dos beneditinos. O grande pateo e todas as cavalharigas estavam tomadas com soberbos cavallos ricamente ajaezados; pagens e creados corriam apressurados de uma e outra parte demandando provisões e forragens; e no meio um grupo de cavalleiros conversando com os frades acerca da paz de vida que gosavam no seu convento, das campinas deliciosas que o circumdavam, e dos brilhantes festejos que as côrtes haviam feito ao novo rei. — Logo que Ponce de Leão appareceu deixaram os frades a companhia dos cavalleiros, e vieram ao seu encontro interrogando-o sobre a sua ausencia ao mesmo tempo que lhes corria pelos labios um surriço desses que parecem dizer que se está prevenido contra qualquer pretexto ou desculpa; mas Pedro tanto respondeu ao amargor do sorriso, como á viveza das questões, e só disse arbatadamente: — Quero falar ao padre abbade.

— Falar ao padre abbade, agora que elle está com o condestavel de Castella nosso senhor? Optimo ensejo para uma justificação..!

— Está com o condestavel? tanto melhor». Isto disse o bibliothecario com ar tão pausado e frio que os mais intrepidos se confundiram; então, apeando do seu palafren, se endereçou para um grupo de monges e cavalleiros em cujo centro estava o abbade e o nobre condestavel.

O abbade dos beneditinos, ainda convallescente da sua grave molestia, e cujo rosto conservava ainda grande palidez, offerecia o typo o mais perfeito de severa inflexibilidade, e chólera concentrada; quanto ao condestavel, parecia elle esperar com uma curiosidade misturada de certo prazer em que iria parar a justificação do infiel monge. O restante do auditorio daria curioso assumpto e variado estudo a estremado pintor: muitas d'essas paixões que se nutrem sob os sanctos habitos, e que apêta o cordão mystico, se haviam de subito despertado com o maior impeto na esperanza de uma sentença que ia punir desvios de um superior.

— Ah! Eis-aquí o vosso deputado aos es-

tados de Castella, reverendo abbade; disse o condestavel quando um frade annunciou a chegada de Ponce de Leão.

— E' verdade, Senhor.... e sêde testemunha do castigo, ja que não ignoraes a culpa.... Quanto a vós, meu fiel mensageiro, acrescentou o abbade lançando um olhar terrivel ao bibliothecario que permanecia com semblante serêno, quanto a vós, não tendes mais do que accusar-vos dos proprios crimes... dando-nos parte das aventuras....

— Reverendissimo....

— Ja sei tudo.... Estivestes em Andujar.... Perdendestes o nosso ouro com mulheres perdidas d'alma e corpo.... Trocastes os santos habitos pelas profanas vestes de Cavalleiro.... Ebrio de illicitos prazeres, esquecestes nossa missão para o grande condestavel...! Alem disto....

— Reverendissimo abbade.... Sou culpado por haver esquecido os meus deveres, por haver pascido meus olhos com defezos espectaculos.... mas julgo ter achado um meio de comprar o meu perdão. Permitti-me depositar a vossos pés o meu resgate.

Ja o abbade estendia a mão para impôr silencio ao réo, eis-que o condestavel tomou a palavra intercedendo por elle:—

— Não condemneis sem ouvir, padre abbade.

— Pois bem; podeis falar.

Então começou o bibliothecario a contar as desaventuras de sua existencia, a vida que no convento vivia, as allucinações poeticas e puras que o tinham emballado, finalmente o que nós sabemos dos prazeres choregraphicos de Andujar; e tudo confessado com aquelle sentimento de compunção que abona o arrependimento de cometidos erros: quando porrem chegou a relatar o seu regresso ao convento, ergueu a fronte com altivez, deu mais vigor ás falas, os olhos se lhe animaram com desuzado fulgor, e pareceu tomar-se de nobre orgulho por lhe ser dado exprimir, perante o condestavel e na presença de toda a comunidade, cousas, que por ventura teriam virtude bastante para que o purificassem de suas culpas.

—.... Estava ainda em Andujar, continuou o frade, quando ao meu espirito se affigou uma extranha visão. Parecia-me ir passando per uma região cujos habitantes não tinham lingua com que articulassem, nem sons com que se exprimissem; e todos os d'essa população se comprehendiam, e os pensamentos de uns a outros se transmittiam por meio de gestos, attitudes, movimentos, finalmente com a mimica dos dançarinos. Accordei pensativo d'este sonho singular, e só quando ia na estrada que conduz de Andujar ao convento é:

que de novo a mesma visão se appoderou de todo o meu sêr, e predominou em minha alma, ao mesmo tempo que uma voz interior, poderosa como a da inspiração, ou antes como a voz de Deus, me bradava: — Ergue-te Pedro Ponce, que a humanidade te está chamando; ergue-te, e vê o que te cerca não povo que não tem palavras que fale, nem ouvidos que ouçam, mas dotado de expressiva physionomia, e de mãos e braços e movimento; lembra-te da mimica, e vê se acaso não poderia esta fazel-os comprehender! — São os Surdos-mudos, exclamei eu todo alheado; graças, ó meu Deus, por me haverdes transviado lançando-me em uma veréda de abrolhos para entre elles coller a flôr cujo celeste arôma pode chamar á existencia tantos desgraçados!

Todo o auditorio estava commovido; o condestavel e o abbade olhavam um para o outro como absortos; os cavalleiros pareciam admirados; os frades, ainda os mais rigidos esqueciam a severidade; e Pedro Ponce derramava um olhar satisfeito e affortunado em torno de toda a assemblea. Foi o abbade o primeiro a romper o silencio:

— Se não fosse um sonho, certo, meu filho, que mereceriaes o vosso perdão.

— Mas é nossa opinião que pôde ser mais que um mero sonho.

Animado pelas palavras do condestavel e do abbade, um mancebo vestido de preto, com uma cadêa de ouro ao pescoço d'onde pendia uma escrevaninha do mesmo metal, e trazendo á cintura uma rica bolsa de Esmoller, finalmente o secretario do condestavel, Juan Pablo Bonet, exclamou olvidando inclinar-se, porem não se esquecendo de tirar da cabeça a bordada gorra de veludo que trazia inclinada sobre o hombro direito:

— Senhor condestavel, e vós reverendo abbade, ficae certos de que esta descuberta vêm de Deus, tanto ella é importante e bella: asseguro-vos que dará honra a Pedro Ponce de Leão e ao reino de Castella.

— Podeis acreditar o meu secretario que é homem douto como ha poucos, volveu o condestavel surrindo de satisfação; aposto eu que era elle capaz de escrever um livro a esse respeito.

— Heide escrevê-lo, Senhor.... Se Ponce de Leão o permitir.

— Mas Ponce de Leão ainda não foi perdoado, acudiu o bibliothacorio triumphante e....

— Estaes perdoado, meu filho; vosso génio vos absolve, respondeu solemnemente o abbade erguendo-se da marchetada e bem esculpida cadeira.

— Absolvido, absolvido! repetiram todos a uma voz.

Na manhan seguinte era ja prestes a partir o condestavel de Castella, quando toda a comunidade teve ordem de achar-se reunida no choro da igreja. Toda a população do convento se deu pressa em obedecer, e successivamente se viam grupos de monges dirigindo-se para o indicado local. O Secretario Pablo caminhava a par de Pedro Ponce, e ambos iam practicando acerca do proveitoso livro que tanto dezejavam começar: a voz do condestavel lhes cortou a conversação.

— Elrei nosso senhor me disse: Condestavel, para alem de Granada ha inimigos que ousam erguer a fronte, correi a humilha-os e vencê-os. Como passardes pelo convento dos beneditinos, ahí pedireis hospitalidade, julgareis da disciplina, e sabereis se o abbade, cuja adhesão me é conhecida, esqueceu os seus deveres deixando de comparecer em nossa capital, ou se continua a merecer a nossa estima. Condestavel, se achardes que não me enganei, mostrae-vos regiamente cortez para com vosso veneravel hospede... E eis-aqui, senhor abbade, e vós todos que me ouvis, como o nosso rei intende a cortezia... Padre abbade, por vossas virtudes vos é conferido o titulo de arcebispo de Granada... E vós, Pedro Ponce de Leão, Elrei vos dá, como ao mais digno, a dignidade e titulo de abbade deste mosteiro.

Curvaram-se todas as cabeças, dobraram-se todos os joelhos, e um solemne *Te Deum* de acção de graças foi logo cantado. Passadas algumas horas, o condestavel e seu brilhante sequito atravessavam a cidade de Granada.

O ANNO DE 1839.

BOQUEJO LITTERARIO-DRAMATICO.

Uá passou o anno de 1839!... — seja-lhe léve a amargurada censura do nunca satisfeito cynismo; sejam-lhe gratas as recordações do homem philanthropo! — Quando no valle de Josaphat trôar o ultimo rebôo dessa pezada campa d'um seculo, olhos de saudade e agradecimento se alongarão até esse anno de 39, e um porvir illustrado e *humanitario* dirá apontando para elle: — Eilo, um dos Luctadores poderoso que oppoz o espirito á materia, a fé ao scepticismo, o amor á indiferença egoista, a presumçosa ignorancia a desconfiada sciencia!...

Sômos nós os filhos desta terra de prodigios em fé, e amor, e humanidade, e sciencia,

nós que tanto nos elevámos, e que tão baixo havêmos cahido; sômos nós a quem principalmente cumpre saudar com gratidão esse anno de 39. — Canticos de ardente fé e dulcíssima esperança escutou o tejo com estremecimento e gozo, repetiu o douro com prazer e assômbro: — eram inspirações d'um CRENTE! E os hymnos celestes dos dois bardos da Bretanha e do Sêna acharam em Portugal êcho melodioso, acôrdes cõdignos, e tambem corações, que se embeberam das reveladas harmonias, como a terra se embebe do orvalho refrigerante que o céu lhe envia.

Ha homens tão generosamente fadados pela sorte, que lhes foi concedido para quasi todas as sciencias ou litteraturas um talento cêreo e flexivel, uma abundante e vigorôsa seiva; como aquellas arvores que nos jardins se vêem elevar aos céus a magestosa cupola, em quanto com seus bastos ramos lateraes sobre musgo formam deliciosas sombras em que se recrea o deleite. — Mas essa arvore, que se presta a tão desvairados usos ambicionando ao mesmo tempo campear no ether, e sombrear a terra, corre êminente risco de amarellecer e definhar, quando, se unica buscesse o céu, vel-a-hias ir subindo e subindo!...

Houve um homem, que não recebeu misturar inspirações celestes, que deus lhe prodigalisou com amor, aos terrênos e mudaveis afanos de politica; mas deus foi misericordioso, a arvore ainda não amarelleceu, nem definhou; e esse homem, assentado na curule dos legisladores, disse: — Os evangellistas da illustração, os fructos do espirito e do pensamento dêvem obter vossa particular sollicitude...! — Mas disse-o com um enthusiasmo, sciencia, e poesia, que são delle; e accrescentou com mui nobre franqueza: Tomae para modello essa nação — inveja de povos, e lição de reis, que, *chegando constituindo e organizando, quér chegar á liberdade politica pela civil, caminhando ao grande desiderandum das nações pela analyse tranquila e certa, em vez da synthese dogmatica, ruidosa, e tão enganadora!*... — E depois disto um vasto projecto de lei da Propriedade Litteraria foi proposto pelo vate legislador; e elle foi victoriado per aquelles quem deus dispartiu o verdadeiro conhecimento do que convem aos povos, pelos que amam a civilização bazeada na sciencia; esteiada esta nos sanctos devêres, que ligam os homens entre si, e com Deus; — e emquanto se franziam surrizes de incredulidade ou mófa, aquelles se olharam com prazer e assentimento; porque fundavam viçosas esperanças nos ingenhos, que se viam despontar no sólo litterario: porque alguns delles, ainda não havia muito tempo, tinham erguido n'aquelle recinto uma voz forte e conscienciosa para lembrar

um homem, que partilhara a desventura e genio do poeta de Smyrna.

Esse homem foi laureado, foi coberto de merecidos encomios e louvores! — afortunados louvores, que simêlham aos perfumes, que se elevam em culto á divindade! E esse homem era digno delles; porque a litteratura portugueza se tinha esmaltado de suas obras excellentes; e o anno de 39 viu cada um de seus mezes estrellado por uma producção donde scintillava o êstro, a opulencia das idéas e do estylo, os raptos de enthusiasmo e amor da patria! E essas producções têm um caracter dramatico, que ainda mais as anima, e lhes dá realce: — grandiosos e suberbos quadros da tanto grandiosa e altiva historia dos portuguezes!

E porque a scêna a despreza o vate? Porque lhe nega vivos e em actividade esses heroes, que ja tão possuido descreveu, esses heroes energicos, indomaveis, aspérrimos, e cheios de amor, de religião, e patriotismo?... — Volveu esse anno de 39, e volveram sobre elle o esquecimento outros poetas, que já tinham colhido bastos loiros na arêna dramatica; e os celebres auctores do AUTO e do FRONTEIRO fecharam as avaras portas ao anno de 39; fecharam-as sobre as inspirações que sem cessar os rodeiam!

E' na verdade para lamentar o descaravel olvido em que têm deixado a scena nosos poetas! — Será indifferentismo? Será que remontada a imaginação para os céus, e affeito seu pensamento a mysterios de poesia que mal cabe revelar a profanos, julguem que derogam de tanta alteza, dando para o theatro — esse mundo em miniatura, quadros de moral patriotismo e virtude adereçados de alguma dessa poesia que Deus lhe outorgou como graça e como para embellezar as lições, com que o povo se deleita, instrue, moraliza, e engradece.

Nenhuma producção theatral fructo dos poetas a que alludimos, viu o anno de 39, apezar de já terem, dous de entre elles, enriquecido anteriormente a nossa scena — e o insigne poeta, um dos coripeus de nossa litteratura, o illustre auctor do suaivissimo *Passio*, da cavalheirosa e terna Bradamente do *Aragão*, do infausto ciume e terriveis vinganças do *Espectro*, dos lianos e generosos costumes dos *Suevos*, o auctor de tantas poesias de subido merito, por que tem elle abandonado o theatro, porque despreciará a Scena!...

E todavia houve quem ousasse incetar a difficil carreira dramatica, e o mundo litterario viu com alegria despontarem novos ingenhos até então desconhecidos e quasi ao mesmo tempo florescerem, bem como a planta acãule que escondida na terra ergue de repente a muito esbelta hastea alardeando em breve as lus-

trosas e coradas petalas: — esses ingenhos parece que foram como reprehensão de esquecimento, ou como signal de que a providencia não olvidava a civilização dos portuguezes. — O anno de 39. vê succederem-se com pequena interrupção producções originaes de merito indisputavel, com quanto sejam quasi todos primeiros fructos de ainda verdes annos. — Foi o Emparedado o primeiro drama, que ouzou denodadamente affrontar dois tribunaes terriveis os eruditos e o publico, o Conservatorio e o theatro; a sua hardidez foi victoriada, e seguiu-se o drama os dois Renegados, cujos applausos ainda reboam no theatro Normal, e cujo auctor, por muito joven e precoz, dá e já realiza grandes esperanças.

D. Sisnando Conde de Coimbra é hum drama que encerra muitas belezas: — O Camões do Rocio é uma Comedia anedoctica toda cheia de jovialidade e bem sustentado interesse. — Muitas mais producções dramaticas se ostentaram em o anno de 39: — o Conde Andeiro, Almanzor Aben Afan, Affonso 3.º & foram applaudidas n'outros theatros; e alem de todas estas accrescem outras muitas, que apezar de não terem sido tam affortunadas, como as precedentes, nem porisso deixam de ter merecimento.

Vêde pois qual tem sido o movimento dramatico do anno de 1839: vêde e admiráel por que em verdade comparado com o dos antecedentes annos, com o de seculos, é elle pasmoso. — Lembrem-se porem os que possuem uma alma generosa e grata, lembrem-se que ás sociedades dramaticas, ás eschollas, aos premios, finalmente a tanta animação ás letras e aos artistas se deve em grande parte o desenvolvimento litterario-dramatico, que distingue o anno de 39; e quando houverem de lhe tributar saudações, não as queirem negar tambem áquelles homens que supperando trabalhos e difficuldades incalculaveis, têm formado e procuram fazer medrar essas proficuas Sociedades.

Tributo de modificações ou mudanças leva cada anno a todas as litteraturas, a todos os conhecimentos humanos: ergue-se a esperança para um quando já outro fenéce e morre; desenrola-se-lhe horisonte, largo e puro ou contrahê o o céu em reacção nebulosa: e todos os conhecimentos, cujo germen existe no pensamento do homem, seguem a lei universal — primavera, estio, outono, inverno! — Mas voltará a primavera, e as outras estações irão progredindo na rotação incansavel!

A litteratura dramatica chamou Shakespear espelho da civilização, porque essa lhe reflecte todas as formas, todos os caprichos. Reagindo, ou obdecendo; vela-has formular uma educação, formar um ensino; — ou servir de elemento a historia conservando, os typos

contemporaneos, assim como a pintura conserva physionomias. — Foram esses os tempos de Ferreira e Gil Vicente, de Corneille e Moliere, de Calderou Shakespear! E quantas coisas se teem passado d'esde então no vasto territorio da litteratura dramatica! — As bandeiras dos creadores do theatro foram quasi abandonados, renegaram-se antigos preceitos, fizeram-se repetidos ensaios, e sabedeus com que exito! . . . Mas se os Shakespear e Calderons ainda não teem sido igualados, se Corneilles e Molières não teem soffrido desvalimento; nem por isso nos será permittido dizer que a carreira dramatica não tenha sido infatigavelmente seguida, e que a difficil e escabrosissima vereda, que conduz á perfeição não tinha sido trilhada com persistencia, e até com tenacidade: — isto porem sómente succedia fóra de Portugal; por que a patria de Ferreira e Gil Vicente vestiu com o escuró manto do esquecimento esses lumes da nossa arte dramatica, e por espaço de dois seculos nada legou aos vindoiros nada produziu que fosse bom, duravel, ou typico: — os auctores estrangeiros desregraram-se, porque mais consultaram a imaginação, que os costumes e os homens; os nostros não consultaram nem costumes, nem homens, nem imaginação!

Inverno tempestuoso foi para nós esse longo periodo de dois seculos! Inverno açoitado de contrapostos euros assoladores; horridamente alumiado pelos coriscos, abalado pelo rebômbio dos trovões . . . e a primavera que alguma vez se lhe seguia era debil e como cansada de combates e depois durava bem pouco, e era mágoa ver o desfolhar dos frondos os bosques, e a esterilidade de um solo cujo socêgo imitava o dos tumulos. — Durante esses dois seculos puderam-se bastantemente, decaparam-se dynastias, rojaram cadêas os portuguezes; e para manter a independencia da patria foram sem numero os sanguentos combates, e os estragos da guerra se prolongaram per quasi seis lustros. E o germen da corrupção, que o cativoiro nunca deixa de insinuar, fez que brotassem as discórdias civiz, e foise perdendo o esperançoso impulso, que tinha dado aos animos a restauração da patria, e a independencia e força e originalidade em todas as coisas foi desaparecendo pouco a pouco dentre nós: daqui vêiu em grande parte a incuria esquecimento, e desamor com que nessa longa epocha foram tractados em Portugal todos os objectos litterarios. Vivas e recentes na memoria de todos estam ainda as lembranças do que se tem passado, desde que um segundo jugo nos estêve a pique, dêsde que as violentas commoções politicas abalaram e quasi submergiram o nosso remanso e prosperidade. Occioso seria commomoral-as, se lhe não unis-

semos a consoladora reflexão de que assim como de espantosos e tremendos phenomenos meteorologicos resulta muita vez a fertilidade, e salubre pureza dos ares, assim tambem de entre os horrores e desgraças das commoções politicas surge muitas vezes uma recomposição social que traz consigo a prosperidade, e ventura. As revoluções. —

Malheureux qui les fait, heureux qui les herite!

Não é porem esta epocha somente de reconstrução social, mas de reconstrução litteraria; e por ventura a poderemos considerar como uma epocha de segundo renascimento máu grado a esses spiritos scepticos e desencantados, que de tudo, quanto tende a melhorar a humanidade, parecem duvidar: Não somos nós por certo desse numero, e contamos fiadores para as nossas speranças, todos esses homens que têm pôsto peito á nossa regeneração litteraria; ou ja valentes campeões, experimentados e afeitos aos láureis e victorias nas lides scientificas; ou tambem soldados novéis, mas cheios de hardimento e coragem, que tomando por modello os primeiros, promettem ja grandes triumphos no porvir.

Foi o anno de 39, um dos primeiros élos dessa cadêia de regeneração; e nelle se foram ja começando a colher fructos de nossas bem fundadas esperanças. Não affundou entre nós grandes raizes a exaggeração romantica; porém ha um certo tempo é que se váe notando uma verdadeira reacção contra o systema exagerado; reacção que ja começara em França á mais de tres annos, e que pelo nosso costumado atrazamento ainda agora principia a manifestar-se em Portugal: — oxalá que do mesmo modo os nossos artistas comecem a reconhecer que os gritos vigorosos, e as contorsões devem tambem ir deixando de ser a voz do drama, ou da tragedia.

Em quanto á musica não tem sido tão ditosa a nossa colheita; todavia em o anno de 39 vimos uma opéra original, que, ainda que não isenta de defeitos, nem muito cheia d'êstro, tem muita coiza boa; tendo, para nós, o merito particular de se desviar da tam seguida e macaqueada eschola Rossiniana: — tal é a Inez de Castro. — Artistas conhecemos nós de muito merito neste ramo tam interessante e esperamos, que não quererão para o futuro ser tachados de árvores infructiferas de tam precioso fructo. Lembrem-se comtudo que a musica é um poderosissimo auxiliar da scêna, e que portanto deve ser dramatica; que a musica deve deixar-se desses caprichos que divertem um instante, desses phosphoros que brillam, e logo desaparecem; e finalmente que a musica deve procurar essa alliança da melodia e harmonia, que constitue a sabia nni-

dade, cujo segrêdo os Allemães possuem. É difficil chegar a tanto; os francezes apezar de seus esforços ainda la não chegaram; todavia as sublimes partições de Beethoven são ali ouvidas com a mais forvorosa religião, são estudadas com a maior constancia; e ultimamente Mr. Berlioz se tem torna lo mui distincto, e célebre por suas musicas producções. Estudae pois e meditae profundamente os Allemães, e então a melodia em vez de ser uma combinação do espirito será uma emanação do coração e a harmonia animará com sua vitalidade esta bella successão de sons cujo todo forma algumas vezes o mais bello de todos os poêmas.

E se o theatro á vista disto meréce a attenção dos homens sérios, dos homens de trabalho, de todos finalmente; se o theatro pode interessar toda a gente, pois que se valle de todas as artes, e não somente tem em vista o divertimento, mas a instrucção, invadindo a historia e a actualidade, se o theatro é tam util e interessante; victoreae, e bendizei o anno de 39, porque esse anno foi grande para o nosso theatro.

QUALIDADES E DEVERES DO COMEDIANTE.

[6.º Artigo]

Tractámos ultimamente da Declamação theatral e o fizemos com toda a generalidade, por que considerámos que seria immensa a variedade d'inflexões de que a voz, humana é susceptivel, pois que tambem são innumeraveis os sentimentos que lhe campre produzir com verdade e justiça; assim como Quintiliano a proposito do Orador diz que nem só aos preceitos deverá elle attender, aconselhando-se tambem com o seu natural: pensámos igualmente que seria prejudicial dar ao comediante preceitos incertos ou enganadores; o artista de vera diversificar as infleções aconselhando-se com o seu proprio sentimento.

O verdadeiro tom achal-o-hemos se aprofundarmos em a nossa alma; mas para lhe exprimir os sentimentos não é só a palavra o meio de que a declamação se serve: a natureza deu aos olhos expressões, que fossem interpretes verdadeiros; concedeu-nos o gesto que tanto importante é para uma boa declamação.

Muitos principios deixavam de aprofundar-se talvez por nma unica razão, qual as de os considerarem geralmente conhecidos ou

observados. Está neste caso a theorial do gesto, por isso mesmo que julgam todos possuir a pratica: talvez seja esta a razão porque alguns tractados sobre a arte do comediante e do dançarino apenas indicam algumas attitudes. Entretanto os preceitos não tem feito mais do que consagrar um systema, uma maneira adoptada por uns certos, em quanto que o gesto propriamente dito, é a verdadeira expressão da natureza: e não so tem de ser comprehendido pelos iniciados nos mysterios da arte, mas tambem por essa immensa classe de ignorantes, que não julgam senão pelos olhos e impressões que os mesmos lhes communicam.

CURSU LITTERARIO.

DE

MR. MAGNIN.

(5.º ARTIGO.)

Passará o theatro do poder feudal para o municipal; ou do cléro e dos nobres para as corporações ou confrarias: — vê a igreja estas congregações seculares, e suppondo com razão, que seria supplantada, tenta desfender-se, mas não tem effeito interdictos. As representações dos *confrades* tendo consistido primeiramente em jogos militares na Alemanha, e festas nacionaes em a Italia, foram ao depois na França espectaculos verdadeiramente dramaticos; do que restam curiosos munumentos. O primeiro é um *mysterio da resurreição do salvador* escripto em verso anglo-normão do seculo 12, e cujo prologo offerece, como se verá, importantes advertencias sobre a decoroção, e mais accessorios da peça.

» Antes de recitar a sancta resurreição
» [diz o prologo] deveremos dispor os loga-
» res e estancias convenientes. — Haverá uma
» cadêa para os prêzos, um crucifixo, um tu-
» mulo. D'um lado deve estar o inferno, e as
» casas do outro; e o céu e estrellas estarão
» de sobre. Primeiramente virá Pilatos acom-
» panhado de seis ou sete cavalleiros, e dos
» seus vassallos: Caifaz apparecerá do outro
» lado, e com elle a nação judia, e depois se-
» guir-se-ha Joseph de Arimatheia. Em quarto
» logar virá don Nicodemos, e os discipulos,
» e as Marias. O meio do theatro representará
» Galilêa e a cidade de Emmaüs, onde Chris-
» to recebeu hospitalidade; e logo que reinar
» um silencio completo, don Joseph de Ari-
» matheia irá a Pilatos e lhe dirá . . . & . »

CHRONICA THEATRAL

Pouco temos a dizer dos divertimentos theatraes da passada semana: no Theatro de S. Carlos viéram os bailes de mascaras usurpar-nos a critica de tres representações, e no Theatro Normal deram-se peças que já não podem offerecer assumpto para novas Chronicas, achando-se todas mui sufficientemente discutidas; de mais a mais veiu a quaresma sem transição alguma trocar-nos em cinzas os folgares do entrudo e fechar com severa mão as portas dos nossos theatros; ainda bem que não foi per muito tempo e ja hontem no Theatro Normal tivemos representação, e de um drama que o publico esperava com avidez, e que nos dará materia para um artigo especial quando d'espaco o houvermos meditado.

Aos bailes mascarados concorrêram, como de costume milhares de pessoas; os camarotes allugaram-se todos com grande antecendencia, e dizem-nos que o numero dos bilhetes vendidos em cada noite subiu a 1800.

Ao Theatro Normal tambem concorreu grande numero de expectadores em cada uma das noites de Carnaval, especialmente na ultima, em que voltou á scena o *Cabrito Montez*, e se repetiram as duas comedias *Mr. Botte e Camões do Rocio*; em todas se mostraram os actores muito chistosos, animados como estavam do espirito folião que tanto se apossa de todos nessa breve quadra de jocosos misteres. O mesmo não aconteceu em a noite de Segunda feira, e quem teve a culpa foi o nosso amigo Hariadão Barba-rôxa, que veio fazer chorar quem só queria rir, assassinando o bom humor dos artistas e dos expectadores; estes choraram, aquelles commoveiram-se, e porfim na representação da farsa *Os Doudos* por mais esforços que empregaram por mostrar-se engraçados, pouco ou nada conseguiram. Cada cousa tem seu tempo, e tão deslocada fora a representação de um drama serio em dia de entrudo, como a de um entremez na Semana Sancta.

Hontem foi pela primeira vez á scena o drama original portuguez, em 5 actos, em prosa, intitulado *O homem da máscara negra*. Não seria de circumspectos emitirmos circumstanciado juizo acerca de uma peça que apenas a nossa attenção ponde abranger n'essa primeira representação. Pareceu-nos que o drama não chega a ter o merecimento de seu irmão mais

velho — Os dous Renegados, com quanto se lhe notem muitos lances verdadeiramente dramaticos, e de grande effeito scenico: — tem suas imperfeições e exabundancias, talvez abuzo do talento que tanto revelam as produções com que o A. tem enriquecido a scena portugueza. Foi o drama acollido com grandes e clamorosos applausos; o auctor foi chamado ao palco scenico no fim dos 3.º e 5.º actos. — Mereceu as honras do desempenho a Senhora *Emilia*, que especialmente nas scenas mudas, e na final, mostrou natureza, sensibilidade, e comprehensão do seu difficil papel. O beneficiado [o Sr. *Epifanio*] representou bem, e mereceu os applausos que lhe prodigalisaram no monologo do 5.º acto, onde soube provocar as lagrimas; o Sr. Rosa distingui-se no papel de Antonio Baracho os demais actores harmonisaram com os primeiros. A Senhora *Emilia* deverá tratar de corrigir mais a pronunciação. — Voltaremos a este assumpto. — Esquecia-nos mencionar a optima scena do 3.º acto, pintada pelos Senhores Rambois e Cinati; produz grande effeito e não desmarece das melhores que se têm visto no Theatro de S. Carlos.

Concluiremos, dando as seguintes noticias dramaticas extrahidas do 1.º Numero da CHRONICA LITTERARIA, jornal da Nova Academia Dramatica de Coimbra: —

As Peças, que têm sido representadas no Theatro da N. A. D. desde a sua definitiva installação, são as seguintes:

I.º Espectaculo, em 24 de Junho de 1839. — A NODDA DE SANGUE, drama em 3 actos, e em prosa, vertido do francez. — A BODA EM TRAJES DE PRASQUEIRA, comedia original, em dous actos, e em prosa por um Socio.

II. Em Novembro. — ZULMIRA, drama original em 3 actos, e em verso por A. Xavier. — O BERNARDO NA LUA, farsa, vertida do francez.

III. Em Novembro. — A LEITORA, drama, em 3 actos, e em prosa, vertido do francez. — Manoel Mendes, farsa original, por A. Xavier.

IV. Em Dezembro. — Segunda representação da LEITORA. — AS LUVAS AMARELLAS, drama em um acto, e em prosa, vertido do francez.

V. Em Dezembro. — Segunda representação da NODDA DE SANGUE. — O AVISO Á GAZETA, farsa.

VI. Em Janeiro. — A SOMNAMBULA, drama em 2 actos, e em prosa, vertido do francez. — O INCOGNITO, drama em um acto, e em prosa.

VII. Em Janeiro. — Terceira representa-

ção da LEITORA. — Os DESAFIOS, drama em 2 actos, e em prosa, vertido do francez.

VIII. Em 12 de Fevereiro de 1840. — UM DUELLO NO TEMPO DE RICHELIEU, drama em 3 actos, e em prosa de MM. Lockroy, e Edmond Badon, vertido do francez polo digno membro do Instituto Dramatico, o Sr. João Duarte Lisboa Serra. — Os PRIMEIROS AMORES, drama em um acto, e em prosa, de Scribe, vertido do francez por um socio.

Theatro de S. Carlos.

Março 8 = Domingo = Irá novamente á Scena a opera = Fausta = Dança = O Triumpho d'Amor.

Segunda feira 9 = Beneficio do 1.º Tenor Domingos Conti. = opera = Fausta = Dança = O Triumpho d'Amor.

Terça feira 10 = opera = Fausta = Dança = os Portuguezes em Tanger.

Quinta feira 12 = o mesmo espectáculo. N. B. Durante a Quaresma serão os dias de representação Domingos, Terças, e Quintas feiras.

AVIZO.

Os Senhores Assignantes que tiverem deixado de receber algum Numero pertencente ao 1.º trimestre do Jornal do Conservatorio queiram participal-o ao Editor do mesmo, ou deixar seus nomes na Loja da Viuva Henriques Rua Augusta N.º 1 com a declaração dos exemplares que lhes faltam, os quaes serão logo entregues.

Typ. de Luis Correia da Cunha.

Costa do Castello N.º 15.